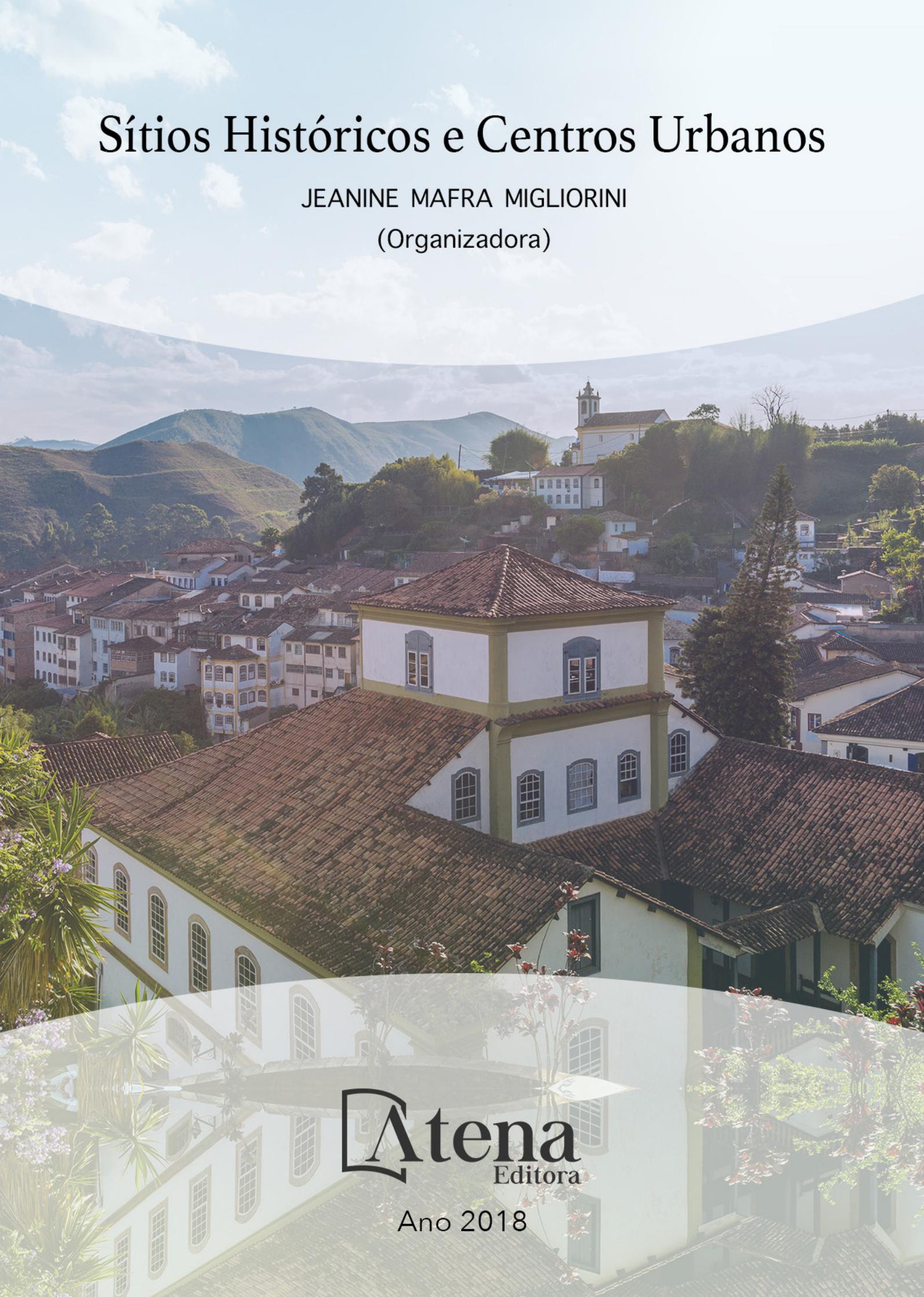


Sítios Históricos e Centros Urbanos

JEANINE MAFRA MIGLIORINI

(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Sítios Históricos e Centros Urbanos

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S623	Sítios históricos e centros urbanos [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-85107-38-3 DOI 10.22533/at.ed.383182609 1. Arquitetura – Conservação e restauração. 2. Patrimônio cultural – Proteção. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Título. CDD 720.288
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Patrimônio pode ser entendido como algo de valor, que merece cuidado e exige atenção para que se mantenha. Esta definição deve ser aplicável ao patrimônio econômico e ao cultural. Então por que é tão difícil a compreensão da necessidade do cuidado com o patrimônio cultural? O patrimônio cultural possui um valor intangível, e por isso é tão difícil mensurar sua importância. É necessário fazer perceber que valorizar o patrimônio cultural é respeitar nosso ser social, no contexto e entorno.

Entretanto a discussão sobre o patrimônio é abrangente e delicada, uma vez que muitas vezes interfere em bens particulares, que possuem valor para a sociedade, essa é uma das grandes polêmicas que envolvem este assunto. Isto nos leva a mais um questionamento: o que deve ser preservado? Esta é uma resposta que cabe aos especialistas, que analisam um contexto, deixando de lado interesses pessoais, uma vez que deve prevalecer o interesse comunitário. Estes pareceres são técnicos, e não poderiam ser alterados por poderes políticos: eis aqui mais uma questão delicada referente ao patrimônio.

Em meio à tantas contendas devemos refletir sobre a necessidade de interferência do poder público, para a conservação de nossa história, de nossos bens materiais e imateriais, culturais e naturais. Não deveria ser intrínseco ao ser humano a necessidade de cultivar nossa história, nossos bens comuns? Lanço mais um questionamento: o poder público, responsável pela árdua tarefa de classificar, atender, vigiar e punir, se necessário, o descaso com nosso patrimônio, realmente está cumprindo seu papel? Ainda: tem interesse em cumprir esse papel?

A cultura é inerente ao ser humano, e sua importância deveria ser inquestionável, mas o que vemos atualmente é um grande descaso, gerando graves consequências para cada um de nós e para todos nós. Estes são alguns dos pontos que justificam a necessidade crescente de discutir, estudar, analisar e cuidar dos nossos tão preciosos patrimônios. Como isso é possível? Enumero algumas ações possíveis discutidas neste livro.

Incentivar a restauração de bens em estado de degradação, esta feita por profissionais qualificados, que podem conduzir o processo com competência e qualidade, e para isso existem leis, uma vez conhecidas podem ser cobradas por todos. Por isso o conhecimento sobre o patrimônio, sobre sua importância é tão fundamental.

Outra ação possível, que vai ao encontro desta, é a criação de rotas patrimoniais, para que chegue até o público o conhecimento, a vivência, a experiência. As temáticas para desenvolver este trabalho são vastas, basta interesse. O que nos leva à mais uma ação: a gestão patrimonial, quer seja pública ou privada. Deve ser exercida para uma manutenção apropriada dos bens. Para que isso ocorra é necessário que se criem ou se exerçam políticas patrimoniais. Através delas pode, ou não, ser incentivado o cuidado, a valorização e até mesmo a percepção acerca do patrimônio, por parte da população.

Em meio a tudo isso o tema que acredito ser a base para que todo este cenário ocorra: a educação patrimonial, que dá subsídios para que as outras ações ocorram, é o conhecimento que permite a apropriação, o desenvolvimento do sentimento de pertença, e conseqüente valorização do patrimônio.

É um caminho de muitas pedras, mas que deve ser iniciado com determinação, por aqueles que são os disseminadores dessas ações. Este livro é um desses passos de reconhecimento desta caminhada.

Boa leitura e engaje-se nesta luta!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO MOTIVADORA DO AUTO RECONHECIMENTO HISTÓRICO DO INDIVÍDUO SOCIAL CACERENSE	
<i>Thais Lara Pinto de Arruda</i> <i>Rafael Leandro Rodrigues dos Santos</i> <i>Veruska Pobikrowska Tardivo</i>	
CAPÍTULO 2	16
OLHARES SOBRE O BAIRRO LAGOINHA: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, IMAGENS COTIDIANO E MEMÓRIAS	
<i>Loque Arcanjo Júnior</i> <i>André Luiz Rocha Mattos Caviola</i>	
CAPÍTULO 3	28
A UFBA NA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO: UMA TRAJETÓRIA PIONEIRA NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL PARA A RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS.	
<i>Renata Lucena Gribel</i>	
CAPÍTULO 4	40
A CIDADE FICOU VELHA? ENTRE POLÍTICA PATRIMONIAL E A PERCEPÇÃO DE PATRIMÔNIO DOS MORADORES DO BAIRRO DA CIDADE VELHA, BELÉM, PARÁ	
<i>Sabrina Campos Costa</i> <i>Edgar Monteiro Chagas Junior</i>	
CAPÍTULO 5	52
REFLEXÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DA GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO CONTEXTO DE UM ARRAIAL DE MINERAÇÃO DO SÉCULO XVIII	
<i>Lucas de Paula Souza Trancoso</i>	
CAPÍTULO 6	68
A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE RISCOS PARA MUSEUS LOCALIZADOS EM ÁREAS REMOTAS	
<i>Micheli Martins Afonso</i> <i>Karen Velleda Caldas</i> <i>Juliane Conceição Primon Serres</i>	
CAPÍTULO 7	77
O IMPACTO DAS INUNDAÇÕES SOBRE ALVENARIAS HISTÓRICAS EM TIJOLO CERÂMICO: A DESTRUIÇÃO GRADATIVA DO SÍTIO HISTÓRICO DE SANTA LEOPOLDINA [ES]	
<i>Luciana da Silva Florenzano</i> <i>Renata Hermann de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	93
AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DE BIOTÉCNICAS NA PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ENCOSTAS NOS QUINTAIS DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA	
<i>Clodomir Barros Pereira Junior</i> <i>André Cardim Aguiar</i>	

CAPÍTULO 9	109
JARDINS DE BURLE MARX: UM PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO MODERNO A SER PRESERVADO NA CIDADE DE TERESINA/PI	
<i>Emanuelle de Aragão Arrais</i>	
<i>Ana Virgínia Alvarenga Andrade</i>	
<i>Ana Cristina Claudino de Melo</i>	
CAPÍTULO 10	119
O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL BRASILEIRO: REFLEXÕES À MEMÓRIA E HISTÓRIA DO SÉCULO XX	
<i>Ronaldo André Rodrigues da Silva</i>	
CAPÍTULO 11	135
FORTIFICAÇÃO E HUMANIDADE	
<i>Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque</i>	
<i>Veleda Christina Lucena de Albuquerque</i>	
CAPÍTULO 12	148
ENTRE A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL: O PAPEL DO RECONSTRUIR SIMBÓLICO DA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO	
<i>Elis Regina Barbosa Angelo</i>	
CAPÍTULO 13	160
A ROTA PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO: PROPOSTA EM CONCEIÇÃO DA BARRA/ES	
<i>Maísa Fávero Costa</i>	
CAPÍTULO 14	173
PAISAGENS DA MEMÓRIA: INFORMAR PARA PRESERVAR	
<i>Paulo José Lisboa Nobre</i>	
<i>Isaías da Silva Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 15	187
A LEGITIMAÇÃO DA HISTÓRIA DA ARTE POR MEIO DA PINTURA MURAL	
<i>Larissa Gabe</i>	
<i>Mariela Camargo Masutti</i>	
<i>Maria Aparecida Santana Camargo</i>	
CAPÍTULO 16	198
A COR NAS SUPERFÍCIES ARQUITETÔNICAS PATRIMONIAIS: O CASO DA IGREJA DE N. S ^ª DA CONCEIÇÃO DOS PARDOS DE LARANJEIRAS SE/BR	
<i>Eder Donizeti da Silva</i>	
<i>Adriana Dantas Nogueira</i>	

CAPÍTULO 17	214
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO CONFORTO E FUNCIONALIDADE DAS EDIFICAÇÕES MODERNISTAS DE FORTALEZA	
<i>Rebecca Campos Leite Alencar</i>	
<i>Isabelle Mendonça de Carvalho</i>	
<i>Thaís Rebouças Vidal</i>	
<i>Amando Candeira Costa Filho</i>	
CAPÍTULO 18	225
A RECONSTRUÇÃO E SUA EVOLUÇÃO NO MEIO PATRIMONIAL: DAS RUÍNAS AO MUSEU DE VARSÓVIA	
<i>Daniel de Almeida Moratori</i>	
CAPÍTULO 19	240
REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA EM OURO PRETO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX AO INÍCIO DO XX: RECONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO	
<i>Patrícia Thomé Junqueira Schettino</i>	
<i>Fernanda Alves de Brito Bueno</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	258

REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA EM OURO PRETO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX AO INÍCIO DO XX: RECONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO

Patrícia Thomé Junqueira Schettino

UFOP, Escola de Minas, Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DEARQ), Ouro Preto – Minas Gerais

Fernanda Alves de Brito Bueno

UFOP, Escola de Minas, Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DEARQ), Ouro Preto – Minas Gerais

RESUMO: O presente artigo pretende discutir o movimento eclético como uma atitude de espírito e escolha, através da ausência de linha única de pensamento, onde há o respeito por uma conjunção do tempo, cuja escala e dimensão se aproxima do homem e de sua relação com a sociedade. A homogeneidade da paisagem da cidade de Ouro Preto, com suas arquiteturas coloniais e barrocas, é aqui considerada um mito construído na década de 1930, quando a cidade foi (re)descoberta pelos modernistas. O objetivo final desse trabalho é analisar parte do centro histórico da cidade de Ouro Preto buscando identificar e valorizar a produção arquitetônica do século XIX e início do XX em meio ao conjunto colonial, com o intuito de reconhecer a importância dessa época na constituição da paisagem da cidade sob a ótica da preservação. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior que tem por objetivo produzir um catálogo de informações sobre a produção

arquitetônica ouro-pretana, durante o século XIX e início do XX. Para realização da pesquisa de campo, que se encontra em andamento, a cidade foi dividida em sete áreas, sendo neste artigo apresentados os primeiros resultados nos bairros da Barra e do Pilar. O trabalho se insere na linha de pesquisa da historiografia contemporânea, que reconhece todas as manifestações artísticas e estéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Ouro Preto, Ecletismo, século XIX, patrimônio.

ABSTRACT: The present article intends to discuss the Eclectic Movement as an attitude of ideology and choice, through the absence of a single way of thinking, where there is respect for a time conjunction, in which scale and dimension approaches to the man and to its relationship with society. Ouro Preto's homogeneous landscape, with its colonial and baroque architectures, is considered here as a myth constructed by the modernists in 1930, when they (re)discovered the city. The final objective of this work is to analyze the entire Ouro Preto's historical center, seeking to identify and valorize the architectural production of the 19th century and the beginning of the 20th century allied to the colonial set, in order to recognize the importance of this period of time in the construction of the city's landscape, from the point of view of patrimonial preservation.

This work is part of a bigger research that aims to produce a catalogue of information about Ouro Preto's architectural production, during the 19th century and the beginning of the 20th century. To carry out the field research, which is still in progress, the city was divided in seven areas, being presented in this work the first results in the neighborhoods of Barra and Pilar. The work is inserted in the contemporary historiography research line, that recognizes all artistic and esthetical manifestations.

KEY-WORDS: Ouro Preto, Eclectism, 19th century, patrimony

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo foi apresentado no ArquiMemória 5, Encontro Internacional sobre Preservação do Patrimônio Edificado, realizado em Salvador no ano de 2017. Neste estudo, entende-se o ecletismo como uma atitude de espírito e escolha, através de uma ausência de linha única de pensamento, onde há o respeito por uma conjunção do tempo, cuja escala e dimensão se aproxima do homem e de sua relação com a sociedade. Trata-se de um conceito de progresso e modernidade, em momento de avanços dos processos construtivos e do aprofundamento do conceito de gosto e beleza, até então baseados em cânones clássicos. Procura-se entender o Ecletismo como uma dialética entre arte e progresso; história e ciência; tradição e novidade. Em meio aos progressos científicos e tecnológicos, não se pretendia seguir uma doutrina arquitetônica, e sim adotar uma nova postura em relação à história, utilizando da fusão, incorporação e associação de elementos do passado como ensinamentos e não como “imitação”.

Para Lemos (1987), o ecletismo deve ser entendido como a somatória de toda a produção arquitetônica criada a partir do final do primeiro quartel do século XIX, juntando-se ao neoclássico. A princípio, surgiram as obras neogóticas em oposição às neoclássicas e a partir dessa coexistência, explica Lemos (1987: 70), “veio à tona no panorama arquitetônico a expressão filosófica ecletismo, que designava primordialmente a tolerância a duas ideias ou dois comportamentos concomitantes”. Após o neogótico apareceram outros neos formando uma corrente historicista pautada na liberdade de criação, permitindo a combinação de formas e a mistura de ornamentações de diferentes estilos. Salgueiro (1987) considera eclética a liberdade de escolha de linguagens dentro de repertórios pretéritos. Fabris (1987) corrobora com a análise e ressalta que, além do caráter artístico, pode-se constatar um desejo pela “acumulação”.

O objetivo deste trabalho é, a partir desses conceitos, analisar parte do centro histórico da cidade de Ouro Preto, buscando identificar e valorizar a produção arquitetônica do século XIX e início do XX, em meio ao conjunto datado do período colonial, com o intuito de reconhecer a importância dessa época na constituição da paisagem sob a ótica da preservação. A cidade de Ouro Preto é internacionalmente conhecida por seu conjunto arquitetônico e urbanístico do período colonial. A

homogeneidade da paisagem, com suas arquiteturas coloniais e barrocas, é aqui considerada um “mito” construído na década de 1930, quando a cidade foi (re) descoberta pelos modernistas. De fato, segundo Salgueiro (1996, p.135), “as ideias míticas da historiografia, que insistiam sobre a ‘uniformidade’ e o caráter ‘espontâneo’ das mudanças e afirmavam a ‘autenticidade nativa’ das casas de Ouro Preto, já estão hoje mais ou menos ultrapassadas”. A autora aponta ainda que grande parte do casario de Ouro Preto data do século XIX ou mesmo do século XX, sendo assim, quando se analisam as edificações cotidianas, pode-se considerá-la mais como uma cidade do século XIX do que como uma cidade colonial.

A história da arquitetura, especialmente a europeia, possuía grande importância como referência para a nova linguagem arquitetônica, pois através dela o profissional encontrava soluções para os dilemas contemporâneos. O ecletismo não se caracterizava simplesmente por uma combinação de estilos do passado, ele também se distinguia pela utilização de novos materiais e técnicas construtivas (JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012).

A produção eclética brasileira tinha necessidade de criar uma base cultural que a vinculasse às produções arquitetônicas realizadas na Europa. A vinculação à história da arquitetura europeia garantia ao país sua inserção na origem civilizada, cosmopolita e moderna da tradição artística ocidental, relacionando o presente ao progresso e a um futuro de desenvolvimento. O ecletismo chegou ao Brasil, efetivamente, na segunda metade do século XIX, a partir do aumento das importações de materiais, consequência do crescimento econômico proveniente da exportação do café nacional nesta época. (HOMEM, 1996). Peixoto (2000, p. 6) define objetivamente a arquitetura eclética através da associação de referências estilísticas de diversas origens em uma mesma edificação. E, ao estabelecer a periodização no Brasil, o autor aponta que “convencionou-se usar o termo numa acepção mais elástica para designar a produção de arquitetura inspirada pela academia após o declínio do neoclassicismo”.

No Brasil, a renovação do interesse sobre a produção arquitetônica, do século XIX e início do XX nos meios acadêmicos, ocorreu a partir da década de 1980. Embora a historiografia contemporânea venha resgatando o ecletismo, a maioria das pesquisas sobre Ouro Preto trata do período colonial e, em especial, de sua arquitetura religiosa. O presente trabalho se insere na linha de pesquisa da historiografia contemporânea, que reconhece todas as manifestações artísticas e estéticas, trazendo ao debate a produção arquitetônica do final do século XIX e início do XX, com o intuito de reconhecer a importância dessa época na constituição da paisagem da cidade de Ouro Preto.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que tem por objetivo produzir um catálogo de informações sobre a produção arquitetônica ouro-pretana, durante o século XIX até a primeira metade do XX, permitindo ampliar o conhecimento das construções características dessa época na cidade. Para realização do trabalho, o sítio histórico foi dividido em sete regiões, sendo aqui apresentados os primeiros resultados, a partir de identificação, catalogação e análise das edificações que compõe o casario nos bairros

da Barra e do Pilar. Entretanto, os dados a serem apresentados se restringem aos aspectos externos, de fachadas. A partir de levantamento bibliográfico, iconográfico e da pesquisa de campo, tem-se a produção de um corpo documental, que geraram quadros síntese e estabeleceram categorias de análise, ao identificar aspectos arquitetônicos e estilísticos, em suas particularidades construtivas e decorativas.

2 | MANIFESTAÇÕES DO ECLETISMO EM OURO PRETO

Após a independência, em 1823, a antiga Vila Rica recebe o título de Imperial Cidade de Ouro Preto e, segundo Meniconi (1999), há uma mudança de postura e manifestação do poder do Império. Na segunda metade do século XIX, ocorrem as primeiras modificações nas fachadas das igrejas matrizes, que recebem elementos “neoclássicos”. Teve-se o início de um processo de “modernização” das construções e, no final do século XIX e início do XX, parte da cidade foi remodelada ao gosto eclético, através de modificações, intervenções e novas construções, incluindo novos usos e programas, resultados de demandas específicas da sociedade. Essa modificação das fachadas, principalmente, provocou uma sobreposição de elementos de diferentes estilos e períodos históricos, impossibilitando uma leitura linear da arquitetura ouropretana (SALGUEIRO, 1996). Por outro lado, Vasconcellos (2011: 58), ao tratar das influências oitocentistas na arquitetura da cidade e descrever as impressões de viajantes do século XIX, afirma que essas “manifestam-se, de preferência, em adaptações, enriquecimentos decorativos ou aplicações de novos elementos de acabamento (o ferro, o estuque, o lambrequim, as vergas caprichosas) sendo raras as inovações propriamente ditas ou alterações profundas em sua arquitetura”. Esses produtos industrializados passaram a chegar à cidade com mais frequência a partir da instalação da estrada de ferro, em 1888. (SALGUEIRO, 1996).

O período foi marcado por debates relativos à transferência da capital do Estado para o local denominado Curral Del Rei, atual Belo Horizonte, cuja instalação ocorreu, oficialmente, em 1897 (SILVEIRA, 1926). Conforme descreve Drummond (2011) não faltaram planos e projetos para modernizar a cidade e evitar a transferência da capital. Em 1892, a Câmara aprova o Plano de Melhoramentos de Ouro Preto, com o objetivo de promover melhorias e avanços na cidade (MENICONI, 1999). A Figura 01 apresenta parte do projeto do Boulevard na cidade de Ouro Preto, com a representação gráfica de como seriam as novas casas, ao estilo eclético da época. Segundo Salgueiro (1996), os planos não se concretizam pelas dificuldades de execução, falta de recurso, e discordância entre engenheiros, empreiteiros e municipalidade; mas torna-se importante mencioná-lo, pois a iniciativa suscitou intervenções e modificações substanciais no casario da cidade.

PROJECTO DE BOULEVARD

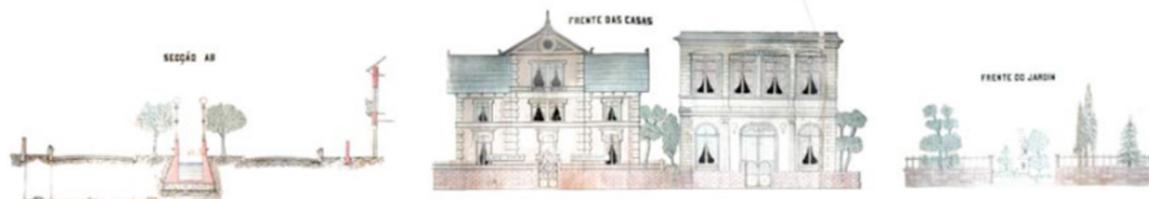


Figura 01: Parte do Projecto de Boulevard, 1891, autor desconhecido

Fonte: Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Ouro Preto

Acredita-se que o Ecletismo que se instaurou em Ouro Preto possui peculiaridades e não possa ser tratado como um estilo que rompe por completo com a arquitetura tradicional e menos ainda com seu traçado urbano. Trata-se de uma “modernização”, em sua maioria de “fachada”, onde se manteve a implantação e partido das construções, com raras exceções. Campos (2005) corrobora com essa análise ao indicar que a arquitetura eclética produzida em núcleos urbanos coloniais, mantiveram o esquema tradicional dos lotes e volumetria, afirmando ainda que, nem mesmo o partido e o sistema construtivo se renovam por completo. A autora denomina essa arquitetura de “ecletismo de fachada”, indicando que o repertório estilístico foi variado, ressaltando o uso da platibanda.

Para Lemos (1979), no Brasil, o ecletismo assumiu dois aspectos diferentes quanto aos meios de execução. Nas grandes cidades, as camadas privilegiadas encomendavam seus projetos a arquitetos estrangeiros que trouxeram de seus países de origem as novidades de diversas linguagens estilísticas. A segunda categoria diz respeito à produção arquitetônica popular, praticada pelas camadas menos favorecidas da sociedade que não possuíam recursos suficientes para contratar arquitetos estrangeiros de renome, prática muito comum nas cidades do interior do país. Lemos (1979) acredita que essa arquitetura popular urbana, do final do século XIX e início do XX, não pode ser chamada de eclética. Devendo-se restringir esta denominação às obras planejadas por profissionais experientes.

Por outro lado, Salgueiro (1996) ao analisar a manifestação do ecletismo em Ouro Preto, afirma que o mesmo se desenvolve de forma provinciana, entendendo que existem várias temporalidades e associações estilísticas, e que as transformações não ocorrem de forma linear, e se encontram deslocadas no tempo. Aponta ainda que, nas cidades mineiras, o passado se torna fator limitante, onde nem sempre se encontram mecanismos de renovação completa, o que resulta em uma associação de repertórios do passado, sobrepostos ao que a autora chama de “invariantes iniciais”. Salgueiro (1996) introduz uma importante questão ao atribuir o conceito de ecletismo “vernacular” à arquitetura que recebeu elementos modernizantes. E afirma que isso ocorreu com maior liberdade na arquitetura cotidiana, que se entende como residencial e, por vezes, mista. Essa abordagem valoriza a importância do detalhe e de sua função

como ornamento em uma fachada pitoresca, e reconhece que:

Recuperar a função do ornamento no ecletismo vernacular de Ouro Preto no final do século XIX significa entender que ele serve para dar relevo, destacar partes e pontuar o desenho das fachadas, aceitando a hipótese de que estamos diante de um estilo em que estas são consideradas como autônomas em relação aos aspectos construtivos (Salgueiro, 1996, p. 142).

No contexto de progresso do final do século XIX, o homem procura se modernizar e para isso almeja apagar as feições da antiga cidade colonial, através da introdução de elementos inovadores, que consistia no emprego de um vasto e variável repertório do passado, quando se reconhece no ecletismo o estilo mais “moderno”, adotado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. E este desejo pode se manifestar em diferentes níveis e estar associado a aspectos técnicos e socioculturais, como autoconstrução ou mesmo recurso financeiro. Sendo assim, no “ecletismo vernacular” o elemento pode ser inserido isoladamente, em parte, rompendo com um sistema de regras e composição. Ou seja, o elemento é justaposto ou sobreposto na fachada que conserva suas feições da arquitetura de tradição luso brasileira. Ainda nesta vertente podem-se encontrar casas em Ouro Preto com fachadas visivelmente e completamente alteradas dentro do gosto eclético (SALGUEIRO, 1996).

Campos (2005, p. 169) tende a corroborar com a análise de Salgueiro ao caracterizar como “ecletismo vernáculo”, parte da arquitetura modificada e construída em Ouro Preto, no final do século XIX e início do XX. Nesta perspectiva, se reconhece duas versões para o que a autora chama de “gosto Eclético”; uma “ortodoxa” que se pode notar em edificações mais suntuosas e em monumentos oficiais; e outra “despretensiosa que se transforma em verdadeiro vernáculo”, que segundo sua análise, “não contrasta substancialmente com a tradição colonial de se construir e que de certo modo tinha eficiência econômica e sensibilização estética”.

Salgueiro (1996) considera que a manifestação do ecletismo em cidades provinciais, como é o caso de Ouro Preto é caracterizado por três variantes principais, conforme classificação da Revista dos Construtores, de 1886: (i) a platibanda, característica da neorrenascença; (ii) o arco pleno, símbolo do neoclássico; (iii) e o chalé, reconhecido como ecletismo pitoresco.

Lemos et al (2006, p.9) analisa os aspectos do ecletismo em Ouro Preto e indica que, a chegada da ferrovia facilitou o acesso a materiais como “o tijolo, o ferro fundido e a louça, e de concepções técnicas”, sendo estes inseridos pelos proprietários como elementos modernizantes, dentro de aspectos estéticos e de uma perspectiva higienista e de conforto. As edificações foram alteadas do solo, para afastar da umidade e receberam maiores alturas, assim como maiores aberturas.

Em meio à arquitetura eclética de Ouro Preto, destacam-se duas vertentes específicas: o chalé e o neocolonial. O chalé, apontado por Salgueiro (1996) como uma variante do ecletismo provinciano, se manifesta na cidade também de forma particular, quando parte de seus aspectos, empena e lambrequim, são incorporados

em edificações de matriz colonial. Para Vasconcellos (1956, p.301), a fisionomia da cidade não se modifica substancialmente ao incorporar as inovações do século XIX, apresentando como ressalva a introdução dos “chalets”, que fogem à tradição luso brasileira, ao se caracterizar por “pontos altos de sua cobertura e seus largos beirais de caibros corridos, ornados de lambrequins”.

Segawa (2014) aponta Ouro Preto como a cidade no Brasil onde mais se encontram arquiteturas neocoloniais, movimento que pode ser considerado como uma das manifestações do ecletismo, se diferenciando deste por resgatar referenciais nacionalistas. Fabris (1987, p.289) afirma que, a maioria dos intelectuais modernos apoiou o movimento pelo resgate da “identidade nacional”, entretanto, destaca que “a defesa do neocolonial possui raízes ideológicas muito mais do que estéticas e é este próprio aspecto que não faz perceber a seus defensores que não passava de mais um neo na vasta floração eclética (...)”.

As construções ecléticas foram amplamente criticadas por escritores, pensadores e arquitetos brasileiros, especialmente a partir da década de 1920. Mário de Andrade, Monteiro Lobato, entre outros, escreveram artigos se posicionando contra o que eles consideravam como a “cidade europeia” no Brasil. Para os modernos, que influenciaram na primeira fase de atuação do IPHAN, apenas as arquiteturas do período colonial deveriam ser consideradas patrimônio nacional (FONSECA, 1997). Dentro deste contexto, várias edificações ecléticas ou com elementos ecléticos, de cidades históricas como Ouro Preto, foram modificadas, adquirindo feições coloniais condizentes com o discurso moderno, em se manter uma imagem de cidade colonial preservada.

Entretanto, essa arquitetura, juntamente com outros fatores históricos, tem grande importância para a compreensão da organização social dos séculos XIX e início do XX, considerando que foi através dessa linguagem estilística que a sociedade que estava sendo criada concretizou seus ideais de modernidade e civilização (JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012). Arquitetos do período moderno, como Lúcio Costa e Sylvio de Vasconcellos demonstravam certa “intolerância” em relação à arquitetura eclética, fruto de um forte contexto político e cultural, com base em valores nacionalistas. Sendo assim, a falta de valorização e reconhecimento gerou uma lacuna na história da arquitetura brasileira, além da perda e descaracterização de diversos exemplares do período eclético em várias cidades do país.

Brasileiro (2008, p.364) aponta que, a partir da década de 1960, Sylvio de Vasconcellos vai “reavivar o valor da arquitetura eclética”, ao rever e apontar tanto “seu valor estético quanto técnico, considerando inovador e digno de preservação”, reconhecendo em seus escritos o risco iminente desse período se tornar uma lacuna na história da arquitetura brasileira. Lacuna esta que a pesquisa aqui apresentada pretende preencher, reforçando a importância dessa linguagem na conformação da paisagem da cidade de Ouro Preto.

3 | CATEGORIAS DAS ARQUITETURAS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX EM OURO PRETO NAS REGIÕES DA BARRA E DO PILAR

Por se tratar de uma primeira etapa de pesquisa são apresentados, neste artigo, os resultados alcançados nas regiões da Barra e do Pilar. Após a identificação dos exemplares na região, foram realizados estudo e cadastramento de 31 (trinta e uma) edificações, sendo 04 (quatro) neocoloniais, 03 (três) chalés, 07 (sete) ecléticas de repertório historicista variado, 03 (três) modificadas a feição colonial em meados do século XX e 14 (quatorze) com elementos oitocentistas. Das edificações inventariadas, apenas em 11 (onze) foi possível o acesso interno.

Para este artigo foram desenvolvidos quadros síntese, Figuras 03, 04, 05 e 06, que sistematizam os dados das edificações cadastradas e inventariadas. As mesmas foram separadas em quatro grupos de forte identidade visual: neocolonial que faz referência à arquitetura luso-brasileira, em especial a religiosa, tendo como princípio o resgate de tradições nacionalistas no início do século XX; chalé, caracterizados principalmente por seus telhados com considerável inclinação, empena representativa e lambrequim; ecléticas, sendo aquelas que apresentam em sua fachada um sistema de composição através de elementos historicistas variados, como: porão alto, platibandas, arquivadas, pilastras, molduras, cimbras, cornijas, ornatos em estuque, entre outros, além do emprego de materiais industrializados e pré-fabricados, como os tijolos e o ferro; e, por fim, aquelas que receberam de forma isolada elementos oitocentistas associados. Todas as edificações foram identificadas no Mapa, Figura 02. As edificações modificadas à feição colonial em meados do século XX, também localizadas no mapa, serão tratadas separadamente mais adiante, através de registros iconográficos. Curiosamente, as edificações neocoloniais estão concentradas em uma mesma região. Ainda não se sabe exatamente a razão, mas são contemporâneas e, supostamente, construídas em conjunto.

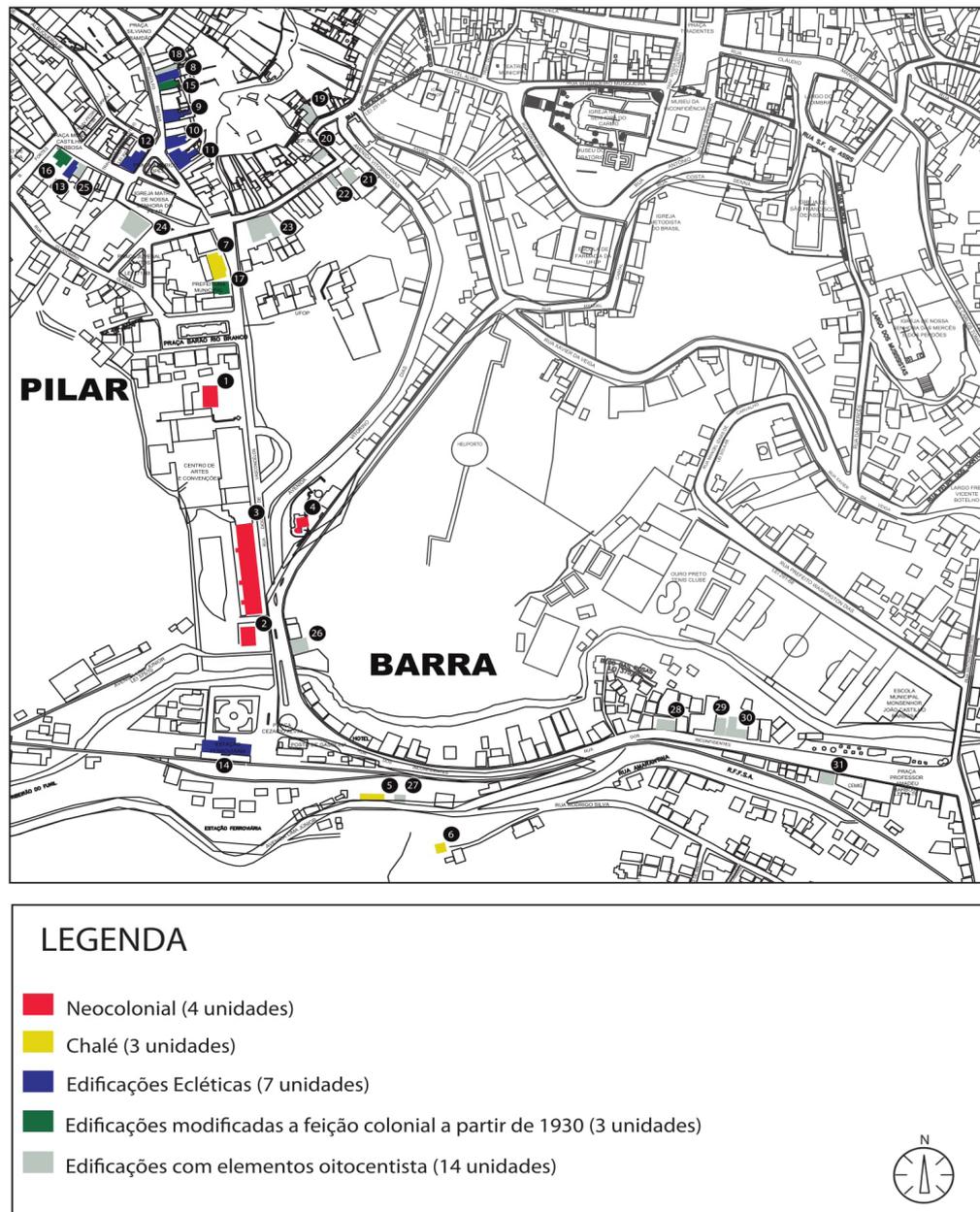


Figura 02: Mapa das edificações cadastradas nas regiões da Barra e Pilar

Os exemplares dos estilos neocolonial e chalé, considerados aqui como vertentes do ecletismo, foram sistematizados nos quadros das Figuras 03 e 04 respectivamente.

Quadro Síntese – Neocolonial			
01	02	03	04
			
Uso: Institucional (Reitoria da UFOP)	Uso: Institucional (Procuradoria da UFOP)	Uso: Institucional (Parque Metalúrgico – Centro de Convenções)	Uso: Institucional (Escola Pequeno Mundo)
Endereço: Rua Diogo de Vasconcelos, 122.	Endereço: Rua Diogo de Vasconcelos, 328.	Endereço: Rua Diogo de Vasconcelos, 328.	Endereço: Rua Pacífico Homem, 246.
Elementos de composição: Janela com folhas de madeira e vidro e rocalhas em estuque; na fachada lateral esquerda : varanda circular de acesso; pináculo e rocalha em estuque; porta com caixilho de madeira, folhas em madeira e vidro e almofadas em madeira; frontão sinuoso com ornatos em estuque; óculo quadrilobado; beiral com acabamento em cimalha de madeira; telhas coloniais tipo capa e bica; colunas toscanas; guarda-corpo em balaústre.	Elementos de composição: varanda; frontão sinuoso com ornatos em estuque; óculos; beiral com acabamento em cimalha peito de pombo de estuque; telhas coloniais tipo capa e bica; colunas toscanas; cunhais marcados com pináculos; fechamento do muro com balaústre; vergas diversas: reta, facetada e em arco abatido; nichos como oratório; molduras nas aberturas e ornamentação em argamassa nas sobrevergas.	Elementos de composição: Platibanda contendo elementos que fazem referência ao barroco, diversas tipologias de óculos, platibanda com frontões triangulares e sinuosos, óculos, telhas coloniais arrematam topo da platibanda, verga reta, molduras e ornatos, ritmo marcado por pilastras encimadas por pináculos triangulares.	Elementos de composição: varanda circular; frontão sinuoso com ornatos em estuque; óculos quadrilobado; beiral com acabamento em cimalha de estuque; telhas coloniais tipo capa e bica; colunas toscanas; guarda-corpo em balaústre; óculo; janela com verga em curva e recurva; bandeira fixa em madeira e vidro; muxarabi como fechamento; molduras em argamassa nas aberturas e ornatos em estuque nas sobrevergas.

Figura 03: Quadro Síntese – Edificações Neocoloniais levantadas nos bairros Barra e Pilar

Quadro Síntese – Chalé		
05	06	07
		
Uso: Residencial	Uso: Residencial	Uso: Institucional – Controladoria Geral do Município
End.: Avenida Lima Júnior, 156. Barra.	End.: Rua Amarantina, s.n.	End.: Rua Diogo de Vasconcelos, 50. Pilar.
Elementos de composição: molduras e ornatos em argamassa; vergas em arco ogival; folhas das esquadrias em madeira e vidro com bandeira fixa; varanda de acesso sustentada por pilares metálicos tubulares de seção circular; telhas tipo capa e bica; óculo losangular.	Elementos de composição: varanda com pilares em ferro tubular de seção circular e balaústres de concreto; porão elevado; porta de madeira com verga em arco ogival; esquadria em madeira e vidro com bandeira fixa; fachada frontal apresenta janela com verga em arco ogival e bandeira com desenho em inspirações góticas.	Elementos de composição: janelas com vergas em arco pleno com bandeira fixa e desenhos radiais inscritas em semicírculo; folha em madeira e vidro; lambrequim; ornatos em estuque com imagem de figura humana na sobreverga; óculo circular com ornato; moldura nas aberturas; porão alto evidenciado por óculo oval com gradil de ferro.

Figura 04: Quadro Síntese – Chalés levantadas nos bairros Barra e Pilar

A Figura 05 apresenta o quadro síntese das edificações ecléticas, correspondentes aos exemplares construídos ou modificados, caracterizadas pelo chamado “ecletismo vernacular”, com exceção de uma arquitetura mais ortodoxa, caso da Estação Ferroviária, edificação 14. O movimento que se formou buscava referências em estilos pretéritos, marcados pela composição de platibandas, cimalthas, cornijas, entablamentos, molduras, ornamentos em estuque, pilastras, aberturas com verga em arco pleno, entre outros elementos variados, em um sistema de composição marcado por um processo de “modernização” e avanços tecnológicos.

QUADRO SÍNTESE - EDIFICAÇÕES ECLETICAS		
<p>9</p> 	<p>10</p> 	<p>11</p> 
<p>Uso: Residencial End.: Rua Randolpho Bretas, 59. Pilar. Elementos de composição: Porão alto; platibanda sinuosa arrematada com cornija; varanda lateral com pilares de ferro e lambrequim; gradis de ferro; janelas com vergas variadas: em arco abatido e reto; janelas com bandeira fixa e folhas em caixilho de madeira, vedação em vidro e veneziana; ornatos e molduras em estuque, demarcando pilares, platibanda e janela.</p>	<p>Uso: Comercial End.: Rua Randolpho Bretas, 85. Pilar. Elementos de composição: Entrada lateral; porão alto; platibanda reta decorada com motivos geométricos arrematada com cornija; varanda lateral com pilares de ferro tubular de seção circular e lambrequim; gradis de ferro; janelas com vergas retas; janelas com bandeira fixa e folhas em caixilho de madeira, vedação em vidro e veneziana; ornatos e molduras em estuque, demarcando pilares, platibanda e janela.</p>	<p>Uso: Residencial End.: Praça Américo Lopes, 09. Pilar. Elementos de composição: Esquadrías com vergas em arco, sendo os vãos centrais em arco pleno e os laterais em uma composição de arco abatido; folhas e bandeiras em madeira e vidro, varanda lateral com pilares de ferro tubular de seção circular; gradis de ferro; ornatos e molduras em estuque marcam pilares e parede sobrevergas, platibanda sinuosa decorada e arrematada com cornija, frisos ornamentais em baixo relevo na parede.</p>
<p>12</p> 	<p>13</p> 	<p>14</p> 
<p>Uso: Residencial End.: Praça Mons. Castilho Barbosa, 02. Pilar. Elementos de Composição: Platibanda decorada com parte central em arco abatido, arrematada por cornija; pilares ritmados, do tipo "colossal", dividem a fachada em três partes; molduras e ornatos em estuque; esquadrías em vergas retas com bandeiras fixas de madeira e vidro; folhas das esquadrías em madeira e vidro; veneziana.</p>	<p>Uso: Misto - Residencial e Comercial End.: Praça Monsenhor Castilho Barbosa, 55. Pilar. Elementos de composição: Platibanda decorada com forma central em arco, encimado por elemento ornamental, arrematada por cornija; esquadrías em vergas retas, com folhas e bandeira em madeira e vidro; molduras em estuque, demarcando pilares, platibanda e janela.</p>	<p>Uso: Serviço (Estação Ferroviária) End.: Praça Cesário Alvim, s/nº - Pilar Elementos de composição: Platibanda reta; vergas variadas em arco pleno e arco abatido; folhas esquadrías variadas: em madeira cega, janelas de madeira e vidro no sistema de abrir e guilhotina; bandeira em madeira e vidro; oculo; acesso central por meio de pequena escadaria; bossagem maneirista nos cunhais; molduras dos vãos do volume central.</p>

Figura 05: Quadro Síntese – Edificações Ecléticas levantadas nos bairros Barra e Pilar

Notam-se, nos exemplares da Figura 05, duas das variantes apontadas por Salgueiro (1996), do ecletismo provincial marcado pelo emprego da platibanda (neorenascença) e do arco pleno (neoclássico). Estes traços estilísticos são manifestações atemporais de códigos da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro que, associados, são denominados ecléticos. É comum encontrar vergas das mais variadas, retas, em arco abatido, arco pleno, ou mesmo aquelas de referência neogótica, como a ogival e “em ponta”. Este primeiro estudo tende a confirmar a análise de Salgueiro (1996, p.143), quando a autora afirma que “a diferenciação de estilos se faz muitas vezes por metonímia - detalhes ou partes (o arco pleno, a platibanda) são suficientes para representar um ´estilo`”.

Outra questão que merece destaque é a incorporação das varandas estruturadas por pilares de ferro tubulares de seção circular, os quais podem ser encontrados nas edificações de números 09, 10 e 11, que acabam por se adaptar aos lotes estreitos e compridos do período colonial.

O quadro a seguir, Figura 06, sintetiza os elementos oitocentistas associados às edificações que conservam aspectos da arquitetura luso brasileira. A pesquisa compartilha dos conceitos apresentados por Salgueiro (1996), ao afirmar que as alterações e modificações na incorporação de variantes estilísticas não são resultantes de uma questão de “gosto”, mas sim fruto de uma mudança social e da atitude e desejo legítimo de se modernizar e de fazer parte de sua época. O habitante procura assim, incorporar elementos em seu imóvel que represente progresso, que propicie conforto, e que modifique as feições tradicionais. Mas, como identificado anteriormente, essa

ação depende de variáveis socioculturais e, sobretudo, econômicas.

QUADRO SÍNTESE - ELEMENTOS OITOCENTISTA			
			
End.: Rua Randolpho Bretas, 31		End.: Rua do Pilar, 22	
Elemento: Lambrequim ¹		Elemento: Lambrequim ¹	
Definição: ¹ Elemento em madeira recortada em serra de fita. (SILVA FILHO, 2010)		Definição: ¹ Elemento em madeira recortada em serra de fita. (SILVA FILHO, 2010)	
			
End.: Rua do Pilar, 111		End.: Praça Monsenhor Castilho Barbosa, 31	
Elementos: Detalhes prensados no reboco da fachada ¹ ; Gradil de ferro ²		Elemento: Lambrequim ¹ ; Verga em ponta ² ; Gradil de ferro ³	
Definição: ¹ Ornato em baixo relevo moldado por meio de peças de ferro. (SALGUEIRO, 1996) ² Balcão corrido com guarda-corpo em grade de ferro. (RODRIGUES, 1978)		Definição: ¹ Elemento em madeira recortada em serra de fita. (SILVA FILHO, 2010) ² Verga em ponta, característica neogótica. (RODRIGUES, 1978; SALGUEIRO, 1996) ³ Balcão corrido com guarda-corpo em grade de ferro. (RODRIGUES, 1978)	

Figura 06: Quadro Síntese – Elementos oitocentista

Neste sentido, é importante reconhecer o valor do detalhe e do ornamento no chamado “ecletismo vernacular”. Os lambrequins foram amplamente empregados em Ouro Preto, como se pode ver nas edificações 9, 10, 18 e 20. De grande recorrência foi a alteração de janelas, como na verga em ponta da edificação 25, Figura 06, que pode ser associada ao neogótico; ou mesmo modificações de folhas, quando se incorpora bandeiras estilizadas e elementos industrializados como a veneziana. Também é possível encontrar desenhos em baixo relevo na fachada, como na edificação 23, Figura 06, moldados através de peças de ferro. Estes elementos acabam por gerar um aspecto pitoresco de fachada, próprio do “ecletismo provinciano”.

Os balcões com grades de ferro foram amplamente empregados, como se pode verificar nas edificações 23 e 25, Figura 06. Segundo Salgueiro (1996), os balcões de ferro se tornaram símbolo da arquitetura urbana cosmopolita do século XIX, pela introdução do metal. Esses elementos adquirem diversas formas e desenhos estilísticos. O ferro fundido é introduzido em guarda-corpo, posteriormente substituído pelo ferro laminado de “seção quadrada ou em fita”, em desenhos variados (VASCONCELLOS, 1956).

Vasconcellos (1956), em seu livro Vila Rica - Formação e Desenvolvimento - Residências, dedica parte do capítulo VII, intitulado Fachadas, à análise das edificações no século XIX e ressalta o emprego de novas técnicas e materiais. O autor descreve que, com algumas exceções, ao longo do século XIX, as edificações incorporam em suas fachadas “no máximo, elementos mais decorativos, caixilhos caprichosos, pinturas inadequadas, esquadrias de venezianas, meios-portões de ferro

(...) ou modilhões sob as sacadas (...)” (VASCONCELLOS, 1956, p.301). Acrescenta, ainda, a tendência por pés-direitos mais altos, referenciais neogóticos em vergas, que também se apresentam em arcos plenos, ressaltando o emprego de cornijas e bandeiras estilizadas e variadas.

O desenvolvimento da pesquisa mostrou a necessidade de criar uma classificação, esquematizada na Figura 07, tendo em vista a gênese das construções ecléticas em Ouro Preto e suas variações morfológicas. Entende-se que a arquitetura eclética ouro-pretana pode ser dividida em quatro categorias: edificações de matriz colonial; edificações de tradição luso brasileira com elementos oitocentista; edificações ecléticas em sua origem; edificações ecléticas, em sua origem ou não, que foram modificadas ao gosto colonial a partir da década de 1930.

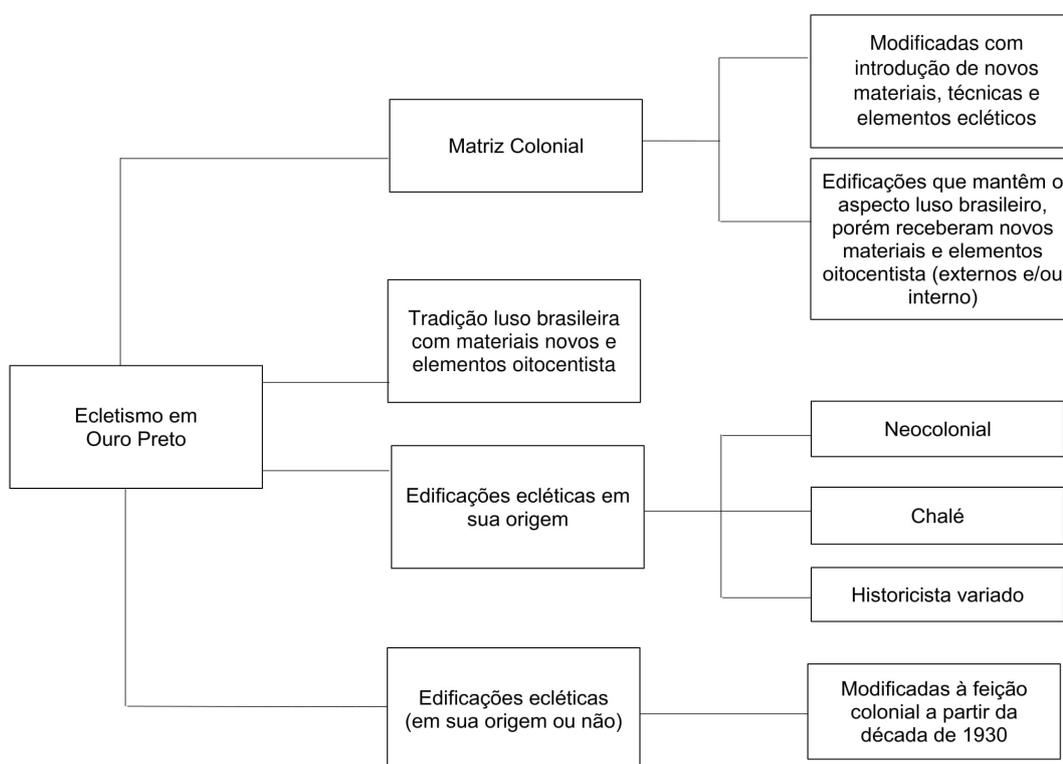


Figura 07: Organograma Eclétismo em Ouro Preto

As edificações de matriz colonial foram classificadas em: modificadas com a introdução de novos materiais, técnicas e elementos ecléticos; e edificações que mantêm o aspecto luso brasileiro, porém receberam novos materiais e elementos oitocentista, podendo ser internos e/ou externos. As edificações de tradição luso brasileira com elementos oitocentista são aquelas que, mesmo construídas no século XIX, mantêm os aspectos tradicionais interpostos com materiais e elementos do século XIX, internos e/ou externos. Já as ecléticas em sua origem apresentam variações do neocolonial, do tipo chalé e de um repertório historicista variado, seja ele clássico, neogótico, mouro, entre outros.

A Figura 08 registra a edificação conhecida como Solar Baeta Neves que, supostamente, foi construída na virada do século XIX para o XX. Trata-se de um imóvel que apresenta um esquema formal de tradição luso brasileira, o que demonstra certa permanência da arquitetura colonial, porém com a introdução de elementos decorativos em estuque nas sobrevergas, cunhais marcados, balcões em grade de ferro decorada, esquadrias com bandeira e folhas estilizadas e janelas incorporando elementos industrializados como a veneziana.



Figura 08: Solar Baeta Neves. FONTE: Fotografia Paula Ribeiro, 2017

Além dessas classificações, existem edificações ecléticas, em sua origem ou não, que foram modificadas a partir da década de 1930, provavelmente pelos ideais vigentes modernistas, que por repúdio ao ecletismo, promovem intervenções buscando a homogeneização disfarçada da unidade estilística do período colonial. Na região estudada, percebe-se essa atuação no imóvel de número 17, Figura 10. Ao observar a foto da Figura 09, que retrata a região supostamente no início do século XX, pode-se notar que o mesmo imóvel, localizado na parte central do quarteirão e ao lado de um chalé, possuía platibanda em configuração eclética.



Figura 09: Edificação 17 em estilo eclético. FONTE: Ouro Preto (2008, p.31).



Figura 10: Edificação 17 atualmente após as modificações estilísticas. FONTE: Gabriela Pascoal, 2017

Nas imagens que se seguem é possível verificar que a edificação da esquina em estilo eclético, casa número 16 no mapa, Figura 02, foi modificada após a década de 1950, adquirindo feições da arquitetura colonial, com a remoção da platibanda e de modenaturas nas janelas, Figuras 11 e 12.



Figura 11: Edificação 16, em estilo eclético – 1949. Fonte: Sorgine (2008, p. 116)



Figura 12: Edificação 16 (canto direito inferior). Fotografia Pedro Lobo em 1980. Fonte: Ouro Preto (2008, p.61)

Na Rua Randolpho Bretas, conhecida atualmente por Rua da Escadinha, nota-se que a casa número 15, Figura 13, também foi alterada de forma a se assemelhar à arquitetura do período colonial, sendo eliminada a platibanda, embora neste caso tenha sido mantida a varanda lateral, além de relevos na fachada, como elementos reminiscentes, Figura 14. As edificações deste logradouro merecem destaque, pois conforme se pode notar na Figura 15, provavelmente no final do século XIX, a Rua Randolpho Bretas era conformada por um conjunto de casas de tipologia colonial, que em parte foram “modernizadas”, incorporando elementos e ornamentos ecléticos. Ao analisar a imagem da Figura 15, e compará-la aos registros nas Figuras 13, 14 e 16, é possível constatar que algumas edificações foram demolidas, e outras parecem ter sido reconstruídas, recebendo afastamento e varanda lateral.

Salgueiro (1996) analisa que não se pode falar em uma ruptura completa com o modelo tradicional, mas antes, em uma ambição de se “modernizar”, que se entende como legítima pelo novo contexto social e político. Neste sentido, é possível notar que as típicas varandas laterais, se adaptam aos lotes estreitos do período colonial.



Figura 13: Edificações 08 e 15, em estilo eclético em 1949. Fonte: Sorgine (2008, p. 123)



Figura 14: Edificação número 15 atualmente, após receber alterações. FONTE: Paula Ribeiro, 2017

A Figura 16, também retrata a Rua Ranfolpho Bretas em 1949, onde se pode notar em primeiro plano, a casa de número 10, identificada em mapa, onde ainda se conserva as características da arquitetura eclética. Também é possível verificar alterações em esquadrias com uso de elementos industrializados com folhas em vidro e venezianas de madeira.



Figura 15: Vista da Rua Randolpho Bretas, atual Rua da Escadinha em data desconhecida – provavelmente fins do século XIX. Fonte: Desconhecida



Figura 16: Vista da Rua Randolpho Bretas, atual Rua da Escadinha em 1949. Fonte: Sorgine (2008, p. 123)

Em inventário realizado em 1949, Vasconcellos aponta, entre outras questões, que “o número de casas novas em terrenos antes vazios é diminuto. Para 75 casas novas constatadas, apenas 40%, no máximo, serão de casas construídas em terrenos que não possuíam casas anteriormente” (SORGINE, 2008, p. 36). Essa constatação demonstra que grande parte das novas edificações possui matriz colonial, ou foram construídas sobre embasamento colonial.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado na introdução, este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla, que se encontra em andamento. Nesta primeira etapa, foi possível identificar quais e quantas edificações nas regiões até então levantadas, Barra e Pilar, possuem características ecléticas, e quais, embora mantenha seu esquema tradicional, se inovaram com a introdução e justaposição de elementos oitocentista, modificando e marcando a paisagem da cidade. O estudo reconhece a importância desses elementos como detalhes e ornamentação no ecletismo “provincial” ou “vernacular”. Também foi possível constatar edificações de matriz colonial, porém modificadas e reformadas, na adequação e atualização ao que se tinha de mais “moderno”. Outro ponto em questão é o maior emprego de elementos clássicos, o que supostamente ocorre por enraizamento de uma tradição, ao se considerar no estilo Barroco, uma matriz renascentista. Estudos morfológicos do conjunto urbano apontam em geral para construções em “parede meia”, sem afastamentos laterais, implantadas em terrenos longos e estreitos, o que explica uma arquitetura eclética, na maioria das vezes, de

“fachada”, mantendo a implantação e partido das construções coloniais.

Constata-se que em Ouro Preto, assim como em outras cidades do Brasil, ocorreu durante o século XIX uma renovação das arquiteturas com o intuito de modernizar a cidade, especialmente na segunda metade do oitocentos, produzindo uma arquitetura que incorpora elementos inovadores, mas não necessariamente se torna uma arquitetura eclética ortodoxa. Faz-se importante destacar as intervenções sofridas por diversas edificações ecléticas na cidade, resultado de uma política preservacionista, que desprezava o estilo eclético e defendia a unidade estilística do passado colonial. É possível perceber certo descompasso na “aparente” homogeneização estabelecida pelos modernistas. Reconhece-se na cidade um ecletismo “provinciano” e “vernacular”, onde se nota a incorporação de temporalidades históricas, não lineares, como bem destaca Salgueiro (1996, p. 144):

Ouro Preto, como as demais cidades do “ciclo” do ouro (...) é um exemplo de cidade eclética vernacular, transhistórica e atemporal. Sobre suas fachadas coabitam formas do passado - natas e impostas, subjacentes no século XIX e retomadas pela política de “recolonização” do patrimônio histórico a partir dos anos 1950, com motivos fabricados industrialmente e técnicas construtivas novas.

Entretanto, cabe destacar que a arquitetura neocolonial encontra-se aparentemente mais preservada no conjunto da arquitetura eclética de Ouro Preto, talvez pelas referências nacionalistas, o que gerou aceitação de alguns modernistas, como Lúcio Costa. Além das descaracterizações, a partir de 1950, com a retomada do crescimento econômico, proveniente do desenvolvimento industrial, o início do turismo e o aumento da população, intensificam-se construções de novas edificações, muitas vezes desprovidas de qualidade, cujo padrão estilístico busca referência no período colonial, apelidado por muitos de “Estilo Patrimônio”.

As primeiras conclusões, sobre a produção eclética ouropretana, já surgem na medida em que é possível reconhecer a utilização de um repertório formal e estilístico nas fachadas, que estabelece uma marca no conjunto arquitetônico da cidade; e a constatação da presença das edificações neocoloniais e dos chalés. Entretanto, entende-se como necessárias pesquisas e desdobramentos que incorporem os aspectos técnicos construtivos e o emprego dos materiais, além de análises dos interiores e dos modos de morar e viver.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Vanessa Borges. **Sylvio de Vasconcellos: Um arquiteto para além da forma**. Belo Horizonte: 2008. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em História. UFMG.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Minas Gerais no limiar da modernização: o Ecletismo Vernacular em três cidades de origem colonial**. In: Actas Congreso Internacional sobre Arquitectura Vernácula, Carmona, Espanha, 2005. Disponível em: < https://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/actas/cisav05/co_15.pdf>. Acesso em: 14/09/2017.

DRUMMOND, Maria Francelina Silami Ibrahim. (Org.). **Ouro Preto cidade em três séculos; Bicentenário de Ouro Preto; memória histórica. (1711-1911)**. Ouro Preto: Liberdade, 2011.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc – IPHAN, 2005. 296p.

FABRIS, Annateresa. **O Eclétismo à luz do modernismo**. In: FABRIS, Annateresa (org.) Eclétismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JUNQUEIRA SCHETTINO, Patrícia Thomé. **A Mulher e a Casa. Estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX**. Belo Horizonte: 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG.

LEMOS, Carlos. **Eclétismo em São Paulo**. In: FABRIS, Annateresa (org.). Eclétismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LEMOS, C.B.; MARTINS C.M.M.; BOIS, M.C.M.S. **O século XIX na paisagem cultural ouro-pretana. Cotidiano, arquitetura e modernidade imperial**. In: Anais do XII Seminário sobre a Economia Mineira: economia, história, demografia e políticas públicas, 2006.

MENICONI, Rodrigo Otávio De Marco. **A construção de uma cidade-monumento: O caso de Ouro Preto**. Dissertação de Mestrado, Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, 1999.

OURO PRETO – Imagens/pesquisa, Maria da Graça Soto Queiroz; Érika P. Machado.- Brasília,DF:IPHAN/Programa Monumenta, 2008.

PEIXOTO, Gustavo Rocha. **Reflexo das Luzes na Terra do Sol. Sobre a Teoria de Arquitetura no Brasil da Independência**. São Paulo: ProEditores, 2000.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **O Eclétismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930**. In: FABRIS, Annateresa (org.) Eclétismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Ouro Preto: dos gestos de transformação do “colonial” aos de construção de um “antigo moderno”**. In: Anais do Museu Paulista, vol 4, pp. 125-63, jan/dez 1996.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVEIRA, Victor. **Minas Gerais em 1925**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

SORGINE, Juliana. **Salvemos Ouro Preto: a campanha em benefício de Ouro Preto – 1949-1950**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Vila Rica. Formação e desenvolvimento - residências**. Rio de Janeiro: INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, 1956.

Colaboração: Paula Ribeiro- bolsista Cnpq de julho/2016 a agosto/2017 e Gabriela Santos Pascoal - voluntária. Graduandas em Arquitetura e Urbanismo, UFOP.

SOBRE A ORGANIZADORA

JEANINE MAFRA MIGLIORINI Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura e Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educadora há dez anos, iniciou na docência nos ensinos fundamental e médio na disciplina de Arte. Atualmente é professora da Unicesumar. Arquiteta e urbanista, desenvolve projetos arquitetônicos. Escolheu a Arquitetura Modernista de Ponta Grossa – PR como objeto de estudo, desde sua graduação. Produzindo pesquisa e material didático para o ensino de arte com essa temática.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-38-3

